

Texto de apresentação “ATLANTIS” | Escritor e Investigador Pedro Teixeira da Mota

Da memória das pedras à mítica Atlântida. Uma exposição de Maria de Fátima Silva.

As imagens que a Maria de Fátima Silva nos oferece nestes trabalhos da série Atlantis são de um realismo verdadeiramente mágico, no sentido de que, ao serem vistas ou mesmo contempladas, permitem-nos entrar em dimensões subtis e insuspeitados, vencendo as barreiras do tempo-espaço e fazendo-nos sentir, intuir e comungar energias e emoções, ideias e seres, ritmos e ritos que, realizados e vividos há séculos e séculos, ainda hoje nos tocam, nos movem, nos podem proporcionar expansões e aprofundamentos de sensibilidade e compaixão, de conhecimento e de consciência...

ATLANTIS remete-nos para as épocas mais ancestrais da Humanidade, em que a unidade entre os elementos da Natureza, as pedras, as águas, os peixes, as aves, os animais, os humanos e a intuição das presenças invisíveis dos deuses ou da Deusa eram intimamente sentidas, vividas e celebradas, e de modos tais que, dada a falta de documentos explicativos de tais compreensões e acções, só os mais estudiosos, ou artistas ou sensíveis conseguirão tal imaginar ou tornar a focalizar.

A Atlântida é em verdade um dos icebergues que nos chegou da história antiga e perdida da Humanidade graças à referência de Platão no Timeu de ter ouvido aos sacerdotes egípcios menção do desaparecimento da sua última ilha no meio do Atlântico. Os mistérios da sua existência permanecem no séc. XXI, apesar dos estudos e livros tanto de historiadores e arqueólogos, como dos ocultistas ditos clarividentes dos finais do séc. XIX e começos do séc. XX: Helena Blavastky, Rudolf Steiner, Max Heindel e Edgar Cayace, quase todos eles algo devedores da obra Atlantis, The Antedeluvian World, de Ignatius Donnelly, de 1882.

A Maria de Fátima oferece-nos uma estreita simbiose nesta série Atlantis entre o que poderia ter sido a Atlântida e o que sabemos terem sido os tempos pré-históricos, nomeadamente em Portugal, com os seus diversos cultos e estreita osmose do ser humano com as pedras e as águas, as aves, os animais, as estrelas, o Sol e a Lua e que a Fátima intui a partir da sua experiência concreta de ter visitado em Portugal muitas antas e tholos, falésias, rios e eco-sistemas, em especial os existentes na região da Ericeira em que ela e a sua família vivem ainda hoje cultivando a terra e com animais.

Entre nós, Dalila Pereira da Costa foi talvez a escritora que mais cultivou a chamada "memória do lugar" dando-nos, seja do Porto seja dos cultos da Antiguidade celebrados nas margens e santuários do rio Douro, descrições e ressurreições em que combina tanto os dados intuitivos ou de reminiscências como os históricos. A Maria de Fátima Silva fá-lo também com as suas pinturas, e não nos é difícil discernir, emergindo das pedras e águas omnipresentes, determinados ritos e celebrações, grandes deusas

e deuses, prefigurações de Jesus e Maria, sacerdotisas e shamanes, espíritos da natureza e anjos, símbolos da fecundidade e da maternidade, dos nascimentos e mortes, das iniciações e purificações, dos sacrifícios e amores.

A sua pintura é na verdade bem invocadora pois é bastante poderosa na policromia, nas formas dos corpos, na expressividade dos pés, das mãos, dos seios, das faces, de cada ser, que estão sempre interconectados com um momento, um ambiente natural ou ritual, o todo, visível e invisível mas bem perceptível. É verdadeiramente uma pintura animista a que nos é apresentada, e corresponde bem ao estágio de então da Humanidade que via e sentia tanto a alma individual presente em tudo e todos como também a grande *Anima Mundi*, a Alma do Mundo, que a todos ligava, e portanto vivenciava com menos barreiras ou quebras de continuidade a consciência no mundo material e no subtil e espiritual. Algumas das suas pinturas fazem-nos então entrar num *no man's land*, numa percepção na qual não sabemos se estamos a ver com os olhos físicos ou se com o olho espiritual, podendo talvez então caracterizar-se como uma entrada numa terra lúcida, luminosa, a que alguns estudiosos das almas e obras místicas e claridentes chamaram de imaginal.

Neste sentido são especialmente mágicas algumas pinturas (e cada observador sentirá as que mais ressoam animicamente), esbatendo subtil e mais fortemente as nossas certezas e limitações objectivantes redutoras e fazendo-nos pairar ou mesmo entrar por um umbral misterioso, rico e profundo, mítico e até divino, para o qual contribui todo o dinamismo sacralizante que as constantes metamorfoses, derivadas da interconectividade de todos os seres, apresentam e interrogam, sugerem e propulsionam.

Cada pintura pode-se então dizer que é realmente uma janela aberta para acontecimentos e dimensões tanto históricos como anímicos insuspeitadas e, para quem mais demoradamente as contemplar, para estados expandidos de consciência ou reconhecimento da Unidade, ou como se diz hoje, do Campo unificado de energia-informação-consciência, entre todos os seres e, logo ou portanto, intensificando o culto da Verdade, da Beleza, da Harmonia e Amor na Humanidade, na Terra e no Cosmos.

Pedro Teixeira da Mota